

A festa do Rio Vermelho

Hildegardes Vianna

O Rio Vermelho, como toda antiga aldeia de pescadores, tem suas lendas que envolvem o lugar, já por si atraente, de um encanto indiscutível. As sereias, donas das águas, andam à solta por lá. Segundo a tradição, e o que nos conta Silva Campos, foram pescadas de rede, por duas vezes, duas lindíssimas habitantes do fundo do mar. E se nunca mais deu xaréu na praia de Santana agradeçam ao tratamento dispensado a uma das tais sereias. Foi lá também que encontraram Caramuru, vítima de um naufrágio nos baixios fronteiros à Foz do Rio Vermelho, na Mariquita.

Primitivamente ia-se ao Rio Vermelho por Brotas. Só em 1812, o conde dos Arcos, empregando 300 forçados, fez abrir a estrada que partia do Campo Grande, ou seja o antigo Rio Vermelho de Cima. A estrada do 2 de Julho (Rio Vermelho de Baixo), batizada posteriormente de Vasco da Gama, e que o povo chama justificadamente de Vasco da Lama, é mais nova ainda. Foi em 1859 que, graças aos proprietários das roças que permitiram a passagem por suas terras, começou o tráfego pelos caminhos do dique.

A sua festa, porém, data dos tempos da guerra da Independência. Corria entre os pescadores uma lenda, também registrada por Manuel Querino, de que naquela época os moradores da então povoação do Rio Vermelho, amedrontados pelos repetidos ataques dos portugueses, fugiram para a Pituba e Itapuá. No dia 13 de fevereiro de 1823, um grupo de pescadores voltou para espiar o que estaria acontecendo. Sentados em volta da igreja, conversavam despreocupadamente, quando viram surgir uma velha, que afirmavam ter

sido Nossa Senhora Santana, dizendo que os portugueses andavam por perto: iam se retirando quando foram surpreendidos pela fuzilaria inimiga. Ainda assim conseguiram fugir.

Terminada a campanha da Independência, os pescadores do Rio Vermelho começaram a fazer uma romaria como recordação do aviso do céu. Na véspera da romaria levavam uma imagem por toda a zona, precedidos por músicos, angariando donativos para as despesas da festa. Além deste auxílio havia um fundo de reserva permanente proveniente de descontos na pesagem do peixe.

No dia da festa, as jangadas rumavam para a Pituba, em saudação à Nossa Senhora da Luz, tornando ao porto de Santana, após os cumprimentos de praxe. Houve ocasião em que seguiam grupos por terra até o local conhecido por Contrato para receberem os pescadores que vinham de Armação, trazendo as imagens de São Benedito e São Gonçalo. Neste dia ninguém pescava, sendo que os que jogavam rede no mar morriam afogados.

Depois o Rio Vermelho foi sendo invadido paulatinamente por veranistas e, em consequência, a sua festa foi se transformando. Os primeiros veranistas eram pessoas que sofriam de beriberi e, que buscavam nos banhos (tomados na maré de ondas batidas) a possível cura dos seus males.

Depois a fama da salubridade do lugar, com seu clima suave e aquele cheiro bom que poucos mares possuem, o Rio Vermelho passou a ter uma nova vida. Casarões de pedra e cal foram se irmanando às cabanas de palha dos pescadores.

Na festa, como é natural, havia separação. Pobre brincava a seu modo, com seus batuques, seus sambas, sua alegria herdada da pureza dos costumes. O veranista rico, ou remediado, inventava brincadeiras para encher as horas diferentes que desfrutava. Ficou estabelecido festejar Santana um domingo antes do Carnaval.

Anunciando os festejos saía um lindo bando anunciador, no domingo anterior ao da procissão, com máscaras (caretas) a pé e a cavalo, além de um clube preparado para dar maior realce ao acontecimento. Carros alegóricos, razoavelmente apresentáveis, com as moças mais destacadas entre moradores e veranistas.

A lavagem da igreja era feita debaixo de música, após o que corriam os devotos em busca de lenha para alimentar as fogueiras da véspera da festa.

Do dia da lavagem até o domingo, faziam leilões com mesas de comida, angariando fundos para a festança. Sábado, à tarde, saía do porto de Santana, ou da Paciência, uma embaixada em jangadas visitando as praias mais próximas à guisa de convite. Outra embaixada ia por terra angariando donativos.

Posteriormente os ternos e ranchos, a exemplo do que era feito no Bonfim, dançavam em frente à igreja de Nossa Senhora Santana. No domingo, além da procissão, faziam corridas de jangadas, cavalhadas com parceiros caracterizados e exibições de Chegança. Na segunda-feira seguinte a dança da corda era quem dava a nota. Segunda-feira que foi crescendo, quase atingindo o prestígio da segunda-feira do Bonfim, hoje uma segunda-feira chocha apelidada de festa da Ribeira. Há tanto para contar sobre o Rio Vermelho!...